

## Rainforest Soundwalks: Ambiences of Bosavi, Papua New Guinea, o CD do antropólogo Steven Feld\*

Carlos Palombini (UFMG)  
email: palombini@ufmg.br

Steven Feld é Professor de Música e Antropologia na Universidade de Colúmbia, Nova York, onde leciona Etnomusicologia e Música Popular. Preocupado com o fato de que “os etnomusicólogos estavam separando artificialmente a organização de som chamada ‘música’ no ocidente da totalidade do mundo sonoro humano e ambiental” (Feld), ele cunhou, há anos, o termo “antropologia do som”. A antropologia do som busca conectar a forma acústica/sonora ao sentido social e histórico. Seu livro *Sound and Sentiment* (University of Pennsylvania Press, 1990), já um clássico, tornou-se particularmente influente ao reconhecer que os “nativos” têm etnotheorias musicais, que eles expressam em linguagem metafórica; por exemplo, através de comparações com sons de pássaros e córregos. No selo Smithsonian Folkways, Feld lançou, em março de 2001, *Bosavi: Rainforest Music from Papua New Guinea*, mostrando “como os sons da floresta não só inspiram a poesia e a imaginação e os desenhos acústicos das canções, gritos etc. de Bosavi”, mas também “como as canções e sons de trabalho e de ritual e de ceremonial transformam estes sons da floresta e são executados em concerto com eles” (Feld). Com o percussionista Mickey Hart, do Grateful Dead, Feld produziu *Voices of the Rainforest* (1991), um dos títulos de maior vendagem na história do *environmental sound* e da *world music* tradicional. “Tudo o que faço concerne tanto à produção do som (fontes e agentes) quanto à recepção do som — quem ouve, como algo é ouvido” (Feld). O Dr. Feld toca trompete baixo, trombone e bombardino no Trio Tom Guralnick de “diversão séria”.

*Rainforest Soundwalks* inclui quatro faixas, de pouco mais de quinze minutos cada uma: *seyak*, ou *butcherbird* (assim chamado devido ao hábito de empalar a presa em espinhos); *keafó*, ou manhã; *galo*, ou tarde; e *nulu*, ou noite. A faixa um foi gravada num DAT Sony D7 através de um pré-amplificador AERCO com microfones AKG 460B e CK1 num par estéreo X-Y. As faixas dois, três e quatro foram gravadas num Nagra IV-S estéreo com Dolby SR (Spectral Recording) da Bryston, também através de um pré-amplificador AERCO, com microfones AKG 451EB e CK1 num par estéreo X-Y. A edição e mixagem digitais foram realizadas com Manny Rettinger no Ubik Sound, em Albuquerque, no Novo México.

O mini-DAT D7, hoje substituído pelo D8, é pequeno e prático e funciona com quatro pilhas AA, Feld explica. O AERCO, um pré-amplificador feito sob medida por Jerry Chamkis, aceita cabos

\* Esta resenha apareceu, em inglês, no Leonardo Digital Reviews ([http://mitpress.mit.edu/e-journals/Leonardo/reviews/jun2001/cd\\_SOUNDWALKS\\_palombini.html](http://mitpress.mit.edu/e-journals/Leonardo/reviews/jun2001/cd_SOUNDWALKS_palombini.html)) e no periódico canadense *eContact!* (<http://cec.concordia.ca/econtact/Soundwalk/Rainforest.htm>). O autor agradece a Carlos Sandroni (UFPE) pela disponibilidade para discutir questões relacionadas ao CD e ao trabalho de Feld. As citações de Feld foram extraídas de entrevista ao autor, publicada em *eContact!* (<http://cec.concordia.ca/econtact/Soundwalk/Feld.htm>) e nos websites Acoustic Ecology (<http://www.acousticecology.org/writings/palombini.html>) e Earth Ear (<http://www.earhear.com/sscape/palombini.html>). Uma segunda versão da entrevista, expandida pelo próprio Feld, apareceu no website Acoustic Ecology (<http://www.acousticecology.org/edu/educurrbosavi.html>).

\*\* Exemplos sonoros extraídos das três últimas faixas estão disponíveis no website do selo, <http://www.earhear.com/catalog/rainsoundwalks.html>.

XLR e tem saídas RCA e mini-jack. "Ele é maravilhosamente silencioso e nítido e permite o uso de microfones topo-de-linha alimentados por *phantom power*, dispensando assim os circuitos (menos sofisticados) de pré-amplificação do DAT e do Nagra" (Feld). Feld gosta do calor analógico. Ele usou um Nagra até 1992 "porque nada mais resistiria naquele meio" (Feld). O Nagra IV-S é um gravador analógico portátil para fita de um quarto de polegada. Ele costuma ser usado em gravações musicais de alto padrão, bem como no cinema e na televisão. Os AKGs têm uma curva de resposta ascendente e são muito estáveis e nítidos nas freqüências médias e altas. Eles suportam bem a umidade da floresta. Para obter a versão mais suave possível do campo estéreo, Feld recorreu a um par de microfones cardióides ligeiramente cruzados num par estéreo X-Y. As faixas dois, três e quatro foram gravadas usando o Nagra estéreo com o Dolby da Bryston. Feld acredita que este tenha sido o primeiro caso de uso do Dolby SR portátil numa gravação de campo (1990). Assim, sons de volume muito baixo foram obtidos, com um mínimo de ruído.

O título *Rainforest Soundwalks* pode evocar imagens de um explorador de sons equipado com um DAT portátil e um par de microfones binaurais OKM II abrindo caminho na floresta equatorial em busca de sons exóticos. Não se trata disso. Em primeiro lugar, porque há muito pouco deslocamento físico com o microfone: "a duração de cada peça (faixas dois, três e quatro) não é a duração de uma caminhada física ou de um movimento contínuo com o microfone" (Feld). Depois, porque Feld não "passeia" no interior da selva, mas em seus limites, no local onde a floresta e a aldeia se encontram. Por fim, porque há uma dose extraordinária de ambigüidade sonora na floresta no que diz respeito ao espaço e, "ao contrário das configurações de gravação estéreo A-B, ORTF e binaural, o par X-Y não espacializa excessivamente a esquerda e a direita" (Feld). *Rainforest Soundwalks* é o passeio de uma escuta e não o de um ouvinte.

Cada um de meus "passeios sonoros" ocorre num local distinto da floresta, num momento distinto do dia. Mas cada um é realmente sobre uma forma de escutar a floresta em seus limites. O "passeio sonoro" acorre na cabeça e no corpo, na forma de escutar, na atenção dispensada ao campo sonoro circundante/movente. Trata-se de compósitos, não só da altura e da profundidade, do espaço e do tempo da floresta, mas também duma história de escuta — minha história de escutar e ser ensinado a escutar, por mais de vinte anos. É por isto que os denomino uma "acustemologia", uma maneira sonora de conhecer o lugar, uma maneira de atentar ao ouvir, uma maneira de absorver. Ainda que imóvel, o corpo está fazendo movimento. Ainda que geograficamente fixos, os microfones estão captando deslocamento. O "passeio sonoro" é uma áudio-imagem, em camadas densamente sobrepostas, desta experiência. (Feld)

*Rainforest Soundwalks* apresenta um retábulo em quatro painéis por cujas tramas uma escuta deambula: do contraste extremo entre figura e fundo da primeira faixa à luxuriante faixa final, onde cada componente é ele próprio um solista.

Da densidade dos sons, "solos" emergem apenas para serem momentaneamente registrados e devolvidos ao espaço que ocupam na densidade total. A poesia sonora da floresta está aqui, nesta densidade de textura. Cada uma das imersões auditivas quer mostrar uma maneira diferente como fontes sonoras múltiplas se entrelaçam, sobrepõem e alternam para criar este espaço acústico que segue descrevendo um arco ascendente à medida que avança. É assim que o som relata ao ouvinte a posição exata de escuta, a hora do dia, a estação do ano, a orientação na geografia da floresta. (Feld)

Para ouvidos acostumados, pela prática da escuta reduzida, a perceber os sons enquanto tal, *Rainforest Soundwalks* oferece uma experiência única. As manipulações às quais Feld submete seus sons são sutis mas inequívocas, como se a realidade estivesse sempre prestes a resvalar no hiper-realismo. Aceitando, sublinhando e pontuando a “vontade composicional” dos sons que usa, Feld nos mantém em constante incerteza quanto a se ouvimos a floresta como ela é ou como ele a escuta.

*Rainforest Soundwalks* é evidentemente uma gravação muito “musical” na medida em que apresenta um novo campo de sons e está estruturado para fornecer uma abertura para a escuta, que pode ser tanto narrativa quanto não-narrativa. Não é um tipo literal de música de programa. Mas também não é inteiramente abstrato. Usa técnicas de edição e arranjo composicional muito influenciadas por meus estudos de música eletroacústica. Ao mesmo tempo, dialoga também com outras gravações ambientais, naturais, históricas, de ecologia acústica e paisagem sonora (rádio/performance). Estou tentando atingir simultaneamente praticantes das artes sonoras, ecólogos, antropólogos, gente da paisagem sonora e do rádio, e compositores de música experimental. Ouço freqüentemente e com atenção o trabalho dessa gente toda, e *Rainforest Soundwalks* é muito sobre meu diálogo com seus trabalhos, e também sobre minha forma característica de ouvir, absorvida em anos de convívio com as florestas de Bosavi. (Feld)

Para entendermos melhor a vasta ecologia acústica de Bosavi, que tem sido sua paixão por anos, Feld gostaria que colocássemos *Rainforest Soundwalks* lado a lado com *Bosavi: Rainforest Music from Papua New Guinea*, a antologia de três CDs e livreto que ele lançou pelo selo Smithsonian Folkways. O conjunto destas obras representa toda uma antropologia de som e em som da comunidade em questão. Seja como for, “*Rainforest Soundwalks* é a gravação fundacional: ela deixa ouvir as faixas básicas, o cotidiano sonoro — sejam solos agudos de pássaros ou ambiências mais abertas — que as pessoas escutam no decorrer de suas vidas” (Feld).

*Rainforest Soundwalks* foi produzido em parceria com o Fundo do Povo de Bosavi, que receberá a metade de todos os proventos, uma vez que se tenham recuperado os custos de produção. O CD está disponível através de Earth Ear, 45 Cougar Canyon, Santa Fé, Novo México 87505; telefones 00 xx 1 505 466-1879; fax 00 xx 1 505 466-4930; endereço eletrônico: <[info@earhear.com](mailto:info@earhear.com)>; URL: <<http://www.earhear.com>>.